

**O que liam os jovens em Pelotas e Rio Grande (RS) entre os anos 1820 e 1933?**

What Did Young People Read in Pelotas and Rio Grande (RS) Between 1820 and 1933?

Eduardo Arriada

**Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**

Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil

Gabriela Medeiros Nogueira

Caroline Braga Michel

**Universidade Federal do Rio Grande (FURG)**

Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil

**Resumo**

O artigo apresenta dados de uma pesquisa que busca responder a seguinte questão: O que liam os jovens em Pelotas e Rio Grande (RS), entre os anos 1820 e 1933? Os pressupostos teóricos e metodológicos que balizam o texto são o paradigma indiciário de Ginzburg e o circuito de comunicação de Darnton. O corpus de análise é constituído por um conjunto de 100 livros infanto/juvenil. As marginalias encontradas no material analisado, tais como assinaturas, estampas, carimbos, etiquetas etc. são relativas a essas cidades. A pesquisa valeu-se ainda, de um artigo jornalístico de 1913, escrito por João Simões Lopes Neto com a seguinte indagação: “O que a cidade lê”. Identificou-se que além dos textos de leitura escolar obrigatória, os jovens acompanhavam o que era produzido na época e liam uma multiplicidade de textos, dentre eles os *best seller* de Alexandre Dumas; Julio Verne e Walter Scott.

**Palavras-chave:** leitura, jovens, circuito da comunicação.

**Abstract**

This article presents findings from a study that sought to investigate the following question: What did young people read in Pelotas and Rio Grande (RS) between 1820 and 1933? The study is theoretically and methodologically grounded in Ginzburg's evidential paradigm and Darnton's communication circuit. The corpus of analysis consists of 100 children's and young adult books. The marginalia found in the analyzed materials, such as signatures, stamps, labels, and bookplates, are associated with these two cities. The study also draws on a 1913 newspaper article by João Simões Lopes Neto, which asked: “What does the city read?” The findings show that in addition to required school readings, young people engaged with contemporary literary productions and read a wide variety of texts, including bestsellers by authors such as Alexandre Dumas; Jules Verne, and Walter Scott.

**Keywords:** reading practices, youth, communication circuit

## **Introdução**

O campo de estudos da história da educação, nas mais variadas facetas, tem sido explorado pelos diversos pesquisadores. Uma delas, a história do livro, tem se debruçado sobre a história da leitura, dos livros escolares, da literatura infanto/juvenil, práticas de leitura e escrita, história da alfabetização, entre outros. Todos esses estudos se complementam, preenchem lacunas, auxiliam e dimensionam novas perspectivas, contribuindo para uma maior compreensão acerca do livro bem como para a construção de novas “interpretações sólidas e consistentes” (Nóvoa, 2015, p. 26).

Com o processo moderno de escolarização, a leitura ganha novas dimensões, sendo que, nessa nova configuração, o livro escolar é parte fundamental e se encontra diretamente vinculado ao processo de leitura e formação dos jovens.

Em diversos textos, Anne-Marie Chartier reconstrói a trajetória do ensino da leitura e da escrita, bem como o papel da escola na formação dos jovens estudantes: “para a escola primária, a leitura é antes de mais nada um caminho obrigatório”, e que abre a “possibilidade de acesso aos livros de leitura, obras ao mesmo tempo de instrução moral e religiosa, inspiradora de bons costumes e do temor a Deus” (Chartier; Hébrard 1995, p. 259). Além do mais, “os manuais ordenavam materialmente o tempo da aprendizagem” (Chartier, 2007, p. 93).

De acordo com Pfromm Neto et ali (1974, p. 159): “os primeiros textos brasileiros de iniciação à leitura consagrados pelo professorado durante várias décadas foram os de Abílio Cesar Borges e Felisberto de Carvalho, a Cartilha Nacional de Hilário Ribeiro e a Cartilha de Infância, de Carlos Galhardo”.

Embora reconhecendo o papel determinante dos livros escolares, percebemos que outros textos de leitura passam a fazer parte do universo dos jovens, entre eles, os de caráter cívico/formativo, como os primeiros textos clássicos adaptados ao universo infanto/juvenil. Entre os de caráter cívico/formativo, há toda uma produção elaborada por escritores como Olavo Bilac, Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida, Afonso Guerreiro Lima, Figueiredo Pimentel, Manuel Bomfim e Monteiro Lobato. Quanto aos segundos, temos diversos textos adaptados ao mundo dos jovens. A editora Laemmert foi pioneira nesse tipo de publicação, lançando no final do século XIX, e início do XX, textos adaptados por Carlos Jansen, como os Contos Selectos das 1001 Noites (1882), prefácio de Machado de Assis “Para os nossos jovens patricios creio que é isto novidade completa” (p. VI). O referido autor ainda acrescenta

“Esquecia-me que o livro é para adolescentes, e que estes pedem-lhe, antes de tudo, interesse e novidade” (p. VIII). Jansen ainda adaptou o Barão de Munchhausen, Dom Quixote, Viagens de Gulliver e Robinson Crusoé.

No rastro da Laemmert, a Garnier, começa a inundar o mercado brasileiro com a Biblioteca da Juventude, publicando, entre outras obras: O Dom Quixote da Juventude, As Mil e Uma Noites, O Bazar das Crianças, Aventuras de Robinson Crusoé.

Assim, diversas editoras procuram das mais variadas formas publicar livros que seduzam, que sejam objetos de desejo dos jovens. Dentre as editoras, podemos ressaltar a Laemmert, Garnier, Quaresma, Francisco Alves e Melhoramentos.

Nesse contexto, a cidade de Pelotas e de Rio Grande (RS), já tinham iniciado desde o século XIX, um processo de industrialização, com novas frentes de comércio. Ademais, um acelerado crescimento urbano, além de um fluxo migratório das zonas rurais para as urbanas também contribuíram para esse avanço, a expansão das redes públicas e privadas de ensino, o que afetou tanto a demanda como a oferta editorial. O próprio transporte, seja ferroviário e/ou realizado por barcos, acarretou novas possibilidades, tanto de volume de carga, como de rapidez na entrega. Agregado a essas modificações, temos o desenvolvimento dos sistemas postais, de telégrafo, o que certamente agilizava os pedidos, implicando na aceleração, entrega e busca de novos livros (Arriada; Tambara, 2014).

O livro, nas suas mais diversas e variadas formas, seja no tamanho, no conteúdo, na qualidade gráfica, com aquarelas ou não, em brochura e/ou encadernado, passa a ser uma mercadoria consumida. Nesse conjunto, os livros de leitura para os jovens leitores, começam cada vez mais a conquistar espaço. Alcançam uma maior importância e visibilidade, marcando diversas gerações, moldando valores e princípios, dinamizando um comércio livreiro que transcende fronteiras, haja visto, o papel de livrarias francesas no século XIX, e no alvorecer do século XX, caso, por exemplo, da Garnier, Gallimard, Hachette, entre outras.

A partir deste contexto inicial, destaca-se que a fonte principal de análise, acerca do que liam os jovens no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tem como base um conjunto de livros localizados em acervos constituídos em bibliotecas, clubes de leitura, centros de documentação, ou provisoriamente constituídos pelos acervos dos pesquisadores. Esse conjunto de obras portam certas características que possibilitam identificar quais eram os textos lidos em Pelotas e Rio Grande, pelas seguintes razões: foram localizados nessas

cidades; estampas, carimbos ou etiquetas das editoras locais identificadas nos livros, assim como, outras marginais: nome da cidade (Pelotas e/ou Rio Grande), escritas à mão (lápis e/ou caneta); nome de pessoas (conhecidas pelos nomes de famílias); nome de instituições locais (escolas, bibliotecas, clubes, entidades assistenciais, etc.).

Também, valemo-nos das sutilezas dos editores da época, para considerar o público destinado, ou seja, a nomenclatura sugerida para esse tipo de livro: *Leitura para jovens*, *Biblioteca da Juventude*, *Contos Infantis*, *Livro de Leitura para o Curso Primário*, *Bazar das Crianças*, *Contos Ilustrados para a Juventude*, *Bibliothèque de la Jeunesse Chrétienne*, etc. Consideramos que esses aspectos são indícios fortes de que eram obras editadas para o público infanto/juvenil.

As análises dos materiais, valeram-se do circuito de comunicação de Darnton (1990), que compreende do autor ao editor, além do impressor, do distribuidor, do vendedor e, finalmente, do leitor. Logo, esse circuito funciona a partir desses atores chave e oferece, aos historiadores do livro, um modo de conceber a produção de textos, “[...] num processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante” (Darnton, 1990, p. 112).

Além dos pressupostos teóricos de Darnton, utilizamos o paradigma indiciário de Ginzburg (1991), como referência, considerando sua contribuição no que tange ao levantamento de vestígios que se tornam dados importantes aos pesquisadores, em especial, aos historiadores. Tal como caçadores, devemos estar atentos a todos os rastros, pistas e indícios possíveis. A ‘verdade histórica’ passa ser a busca de um tempo supostamente perdido. Reconstruí-la, nem que seja de forma fragmentada, aos pedaços, com ausências, é fazer história. Sempre teremos lacunas, hiatos, desconhecimentos, mas cada trilha aberta, oferece caminhos para outros caçadores (historiadores). Os diversos indícios tornam-se pistas a serem seguidas, os pequenos detalhes, os apagados sinais, muitas vezes negligenciados, descortinam um outro olhar, uma nova perspectiva, uma história, nem melhor, nem pior, apenas diferente.

### **O livro, uma mercadoria à procura do leitor**

A história do livro consolida-se como um novo campo do conhecimento, possibilitando diversas investigações, seja o livro na sua materialidade, o editor, o livreiro, suas redes de

distribuição, os leitores, suas apropriações, seus vínculos com as bibliotecas, a indústria gráfica etc.

Na especificidade do livro de leitura para jovens, as diversas edições, os conteúdos, as próprias imagens, o modelo de capa, ou seja, uma miríade de aspectos podem e devem ser analisados pelos pesquisadores. Inclusive, as determinações legais de aprovação e interdito, as censuras impostas, a apreensão, a queima dos exemplares, o papel dos tradutores, as diversas adaptações de obras clássicas para esse novo público, a própria recepção, o nascimento de uma literatura infantil e/ou juvenil feita por autores brasileiros, como o caso de Monteiro Lobato e Figueiredo Pimentel.

Esse novo campo (talvez hoje, não tão novo), tenta dirimir certas dúvidas, o que seria mais apropriado e/ou adequado: história do livro, ou história da cultura impressa, ou ainda, história da leitura. Em um primeiro momento foi considerado mais pertinente a utilização do termo, história do livro. Contudo, dependendo do olhar, podemos entender que a história do livro já tem uma longa trajetória, incorporando estudos de bibliografia, estudos literários, história do impresso e das edições. No decorrer da história, pesquisadores efetuaram diferentes investigações, seja sobre o aparecimento dos livros, observando os artefatos físicos, tipos de papel, de encadernações, ou como objetos artísticos, ou ainda, como símbolos de poder e *status*.

Hoje, a história do livro, das editoras, da leitura, constituem uma das vertentes mais fundamentais da história cultural. A história das editoras e das edições têm incorporado os ricos debates e aportes produzidos pela historiografia francesa, inglesa, espanhola, brasileira, entre outras nações. Como exemplo temos: para a França a *Histoire de l'édition française* (1982), publicada em quatro volumes e sob a direção de Roger Chartier e Henri-Jean Martin; *"Histoire de la lecture dans le monde occidental"* (1997), sob a direção de Guglielmo Cavallo e Roger Chartier; *"Le livre en révolutions: entretiens avec Jean Lebrun"* (1997); *"L'argent et les lettres"* (2004) e *"Édition, presse et pouvoir en France au XX<sup>e</sup> siècle"* (2015) de Jean-Yves Mollier. Para os países anglófolos: *"The story of printing and bookmaking"* (1965) de Douglas McMurtie; a *"New Introduction to Bibliography"* (1972), de Philip Gaskell; *"The printing revolution in early Modern Europe"* (1983) de Elizabeth L. Eisenstein; *"Revolution in print: the press in France: 1775/1800"* (1989), de Robert Darnton e Daniel Roche; *"Books a living history"* (2011), de Martyn Lyons; *"The Book: a global history"* (2013), de Michael F. Suarez e H. R.

Woudhuysen. Para a Espanha: “Historia Ilustrada del libro escolar en España” (1997), sob a direção de Agustín Escolano Benito; “Historia de la edición en España: 1836/1936” (2001), sob a direção de Jesús A. Martínez Martín. No caso do Brasil: “O Livro no Brasil” (1985), de Laurence Hallewell; “Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros” (2010); organizado por Aníbal Bragança e Márcia Abreu; “O Império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista” (2011) de Marisa Mídori Deaecto; “Rei do Livro: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil” (2016), organizado por Aníbal Bragança; “Romances em Movimento” (2016), organizado por Márcia Abreu; “Deslocamentos e Mediações” (2018), organizado por Claudia Poncioni e Orna Levin; “Suportes e Mediadores” (2018), organizado por Lúcia Granja e Tania de Luca, compondo uma coleção com o título geral de “A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)”. Sem esquecer, os antigos estudos sobre o livro, caso de: “Histoire du Livre: de L’Antiquité a nos jours” (1960), de Svend Dahl, , assim como: “Histoire du Livre” (1970), de Albert Labarre. Esses poucos exemplos, por si só, atestam a punjança dos estudos na área.

Três grandes enfoques sobre a história do livro têm balizado os estudos e investigações de diversos cientistas. A escola da New Bibliography, liderada por estudiosos como R. McKerrow (1927), W. W. Greg (1950), e Fredson Bowers (1950). Para eles, o estabelecimento de textos autorizados se converte em uma questão central, existe a necessidade do exame da materialidade da produção textual original, do estudo dos textos e livros como objetos físicos, determinando diferenças tipográficas, papel, tinta, métodos de impressão, formatos, rastrear marcas d’água, analisar ilustrações, desenhos, identificar encadernações, reconstruir textos (Finkelstein; McCleery, 2014: 27/28).

A sociologia do texto, abordagem realizada por Don McKenzie, nos anos de 1960, procura demonstrar que a “produção física de um texto era muito dependente das condições em que havia sido produzido” (Finkelstein; McCleery, 2014: 30). Era o entendimento de que os textos resultavam de um processo colaborativo e que requeriam métodos de análises que prestem atenção a sua materialidade, sua produção e recepção, em lugar de apenas seus conteúdos.

Por fim, em ensaio intitulado “O que é a história dos livros?”, originalmente publicado em 1982, Robert Darnton, alerta sobre a quantidade de métodos de investigação e enfoques nos estudos sobre a história do livro. Em seu entendimento, a história do livro, no curto

período de vinte anos, “se tornou um campo de estudos rico e diversificado. [...] que agora, mais do que um campo, parece uma exuberante floresta tropical” (Darnton, 1990, p. 111).

A solução proposta pelo autor, é o Circuito de Comunicação, um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade bem como um modelo de conceber a produção de textos. Essa relação do autor ao leitor, permeada por “atores chave”, caso por exemplo, do editor, do livreiro e, até mesmo dos distribuidores, nos leva a contemporizar as análises de Darnton, com aquelas elaboradas por Chartier, que de certo modo, salienta o papel central, difícil e fugidio da figura do leitor.

Considerando o texto “Do livro à leitura”, Chartier (2001, p. 105) escreve que:

[...] reconstruir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como se desejou que lessem. O conhecimento dessas práticas plurais será, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios.

Dentro desse circuito de Darnton, talvez o mais complexo e difícil de alcançar, seja o leitor. Investigar o que liam e como liam, é um “processo por hipótese inconcluso” (Lajolo e Zilberman, 1999, p. 08-09).

De acordo com Darnton existe imensa dificuldade em capturar os rastros desses leitores, seus gostos, suas sensibilidades e suas interrupções. O que liam, como liam, de que modo liam. A leitura escolar, em razão das indicações dos programas, nos dão certas pistas em relação ao que liam os jovens. Também, os catálogos das livrarias, os anúncios em jornais são fontes que viabilizam conhecer o que era produzido e indicado para ser lido. Contudo, a leitura de fruição realizada nos recônditos das casas, nas bibliotecas, nos gabinetes de leitura, ficam um tanto quanto mais difíceis de rastrear. Em certo sentido, a localização de exemplares, especialmente, se constar anotações, nomes, assinaturas, etc., nos possibilitam um olhar mais acurado, sutil e perspicaz.

Diversos autores ao escreverem diários, memórias, contos, crônicas, romances, peças teatrais, imprimiram em suas páginas, um vasto, profundo e rico manancial de descortinamento dessa experiência, como exemplo, citamos: “Conto de Escola” e “Uns Braços” de Machado de Assis, “Abdias” de Cyro dos Anjos, “O meu próprio romance” de Graça Aranha, “Itinerário para Pasárgada” de Manuel Bandeira, “O Ateneu” de Raul Pompéia, “Doidinho” de José Lins do Rego, “As Três Marias” de Rachel de Queiroz; “No Tempo da Flor”

de Augusto Meyer; “O Mundo da Minha Infância” de Eugênio Gomes; “Por onde andou meu coração” de Maria Helena Cardoso, entre outros.

### O que liam os jovens em Pelotas e Rio Grande

Para o caso deste artigo, a análise se debruça sobre um conjunto de 100 obras, 24 consideradas como textos didático/pedagógico, e 76 textos de literatura propriamente dito, ou de fruição. Muitas dessas obras se desdobram em 2, 3, e até 4 volumes, como, por exemplo, algumas obras de Chateaubriand (Os Natchez, 4 vol.); Walter Scott (Ivanhoé, 4 vol.); Victor Hugo (Han d’Islandia, 4 vol.); Alexandre Dumas (A Princesa de Mônaco, 4 vol.); Fenelón (Aventuras de Telemaco, 2 vol.). Em todos esses casos, consideramos apenas como uma única obra. Do mesmo modo, não contabilizamos as obras com mais de uma edição, pela mesma editora, caso, por exemplo de O Coração, Através do Brasil, Contos Pátrios, da Francisco Alves. Para efeito de levantamento geral, consideramos apenas um dos exemplares na contagem<sup>1</sup>.

Nesse conjunto de obras, 24 livros são prioritariamente de cunho escolar e/ou didático conforme elencado no quadro a seguir:

Quadro 1. Textos de leitura escolar

Autor	Título	Local	Editora	Ano	Observações
Antonio Maria Barker	Bibliotheca Juvenil ou fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offerecidos a mocidade brasileira	Rio de Janeiro	Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp.	1859	4ª edição
Lourenço de Jussieu	Simão de Nantua ou O Mercador de Feiras	Lisboa	Typ. de José Baptista Morando	1860	
M. de Jussieu	Historia de Simão de Nantua ou O Mercador de Feiras.	Rio de Janeiro	Typ. De Francisco Alves de Souza	1874	Transladada da língua franceza por Felipe Ferreira de Araujo e Castro
	Saint Clair das Ilhas ou os desterrados na Ilha de Barra		Angra do Heroismo	1878	
Antonio Maria Barker	Parnaso Juvenil ou Poesias Moraes colleccionadas, adoptadas e offerecidas à mocidade	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1884	8ª edição
A. Mascarenhas	Livro de Leitura Corrente para uso das escolas primarias	Rio de Janeiro	H. Garnier	1906	
Monteiro Lobato	Narizinho Arrebitado. Segundo Livro de Leitura para uso das escolas primarias	São Paulo	Monteiro Lobato & C.	1912	
Francisca Julia e Julio da Silva.	Alma Infantil (Versos para uso das escolas)	São Paulo	Livraria Magalhães	1912	
O. Bilac e M. Bomfim	Atravez do Brasil (Narrativa). Livro de Leitura para o curso medio das Escolas Primarias	Rio de Janeiro/Paris	Francisco Alves e Cia., Aillaud, Alves & Cia.	1913	2ª edição
Anna de Castro Osorio	Lendo e Aprendendo (Livro ilustrado para leitura)	São Paulo	Empresa de Propaganda Litteraria	1913	Aprovado para as Escolas Primarias do Estado de S. Paulo



			“Luso-Brasileira”		
Alfredo Clemente Pinto	Seleta em Prosa e Verso.	Porto Alegre	Selbach	1913	
Tycho-Brahe	Historias Brasileiras para creanças	Rio de Janeiro	Livraria Quaresma	1914	Bibliotheca Infantil da Livraria Quaresma
Julia Lopes de Almeida e Afonso Lopes de Almeida	A Árvore	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves	1916	
Coelho Netto e Olavo Bilac	A Patria Brasileira (Para os alunos das Escolas Primarias)	Rio de Janeiro/Paris	Francisco Alves & Cia., Aillaud, Alves & Cia.,	1916	
Julia Lopes de Almeida	Historias da nossa Terra	Rio de Janeiro/Paris	Francisco Alves & Cia., Aillaud, Alves & Cia.	1917	13ª edição
Olavo Bilac & Coelho Netto	Theatro Infantil	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves	1919	3ª edição
G. Gunther	Appendice des Fables de La Fontaine	Pelotas	Off. Graphics d'A Guarany	1921	
Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida	Contos Infantis em verso e prosa	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves e Paulo de Azevedo & Cia.	1922	14ª edição
G. Gunther	Livre de Lectures pour la première année	Pelotas/Rio Grande	Livraria Comercial Meira	1923	Avec des explications en portugais et une Petire Grammaire Française. 2ª edição
Olavo Bilac e Coelho Netto	Contos Patrios (Para as creanças)	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves	1926	22ª edição. Desenhos de Vasco Lima
Roberto Correia	Livro da Infância	Bahia	Almeida & Irmão Editores	1927	
	O Primeiro Livro de André. Leitura e Recitação. 1ª parte	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo & Cia.	1930	
	O Guia da Infancia	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo & Cia.	1932	Livro de Leitura com numerosas gravuras para Escolas Primarias por F.T.D. 1ª e 2ª parte reunidas
	O Primeiro Livro de André. Leitura e Recitação. 2ª parte	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo & Cia.	1933	

Fonte: quadro elaborado pelos autores. Total: 24 obras

A partir da listagem apresentada no Quadro 1, observamos que há pouquíssimas obras do século XIX, e as que há, são textos literários de caráter moral. Exemplo: Simão de Mântua; Saint Clair das Ilhas, obras referendadas em muitas das memórias dos estudantes brasileiros.

Um aspecto a ser observado é que, muitas vezes, o texto literário, mesmo não tendo o propósito pedagógico, acabava sendo utilizado para fins escolares. Quanto mais recuada a temporalidade, mais ínfimas são as barreiras conceituais que definem um texto literário de um texto didático, aspectos esses analisados por Chartier, Hébrard (1995); Galvão, Batista (2005); Galvão et al (2007); Batista (2008).

Arrolamos no Quadro 2, os títulos de obras literárias que fazem parte do corpus analisado.

O que liam os jovens em Pelotas e Rio Grande (RS) entre os anos 1820 e 1933?

Quadro 2. Textos literários e/ou fruição

Autor	Título	Local	Editora	Ano	Observações
Chateaubriand	Atala ou Os amantes do deserto	Lisboa	Impressão Regia	1820	
	Caravançará ou Coleção de Contos Orientais	Lisboa	Typographia Rollandiana	1823	Traduzidos de um manuscrito persa. Sem autoria
Walter Scott	Ivanhoe ou o regresso do cruzado	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1837	Tradução de E. P. Câmara. 4 tomos.
Walter Scott	O Talisman ou Ricardo na Palestina	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1837	Tradução de Caetano Lopes de Moura. 3 tomos.
Fenelon	Aventuras de Telemaco	Paris	Livraria Europea de Baudry	1837	Edição bilingüe. Tradução de Manuel de Sousa e Francisco Manuel do Nascimento. Retocada por José da Fonseca. 2 tomos.
Chateaubriand	Os Natchez: história americana	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1837	Tradução de Caetano Lopes de Moura. 4 tomos.
Walter Scott	Quentino Durward ou O Escossez na Corte de Luiz XI	Paris	Livraria Portuguesa de J.P. Aillaud	1838	Vertido em portuguez pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. 4 tomos.
	Aventuras maravilhosas de Lazarillo de Tormes	Paris	J-P. Aillaud	1838	Extraídas das antigas crônicas de Toledo por G. F. Grandmaison y Bruno. Traduzidas da língua francesa. Sem autoria
Fenimore Cooper	O piloto: novela marítima	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1838	Tradução de Caetano Lopes de Moura. 4 tomos.
Victor Hugo	Bug-Jargal: novela historica	Lisboa	Na Impressão de Galhardo e Irmãos	1843	Traduzida do francês por M. E. C.
Victor Hugo	Han D' Islandia	Lisboa	Typographia Rollandiana	1844	3 tomos. Traduzido por M.A. da S.
Fénelon	Aventures de Télémaque	Paris	Belin-Leprieur, Libraire-Editeur	1844	Notícia biográfica e literária de M. Villemain. [Edição de luxo]
La Fontaine	Fables	Leipzig	Bern. Tauchnitz Jeune, Libraire-Éditeur	1845	La France Classique.
Luís de Camões	Os Lusíadas	Paris	Livraria Europea de Baudry	1846	Poema épico restituído a sua primitiva linguagem. Organizado por José da Fonseca.
Walter Scott	Ivanhoe	Paris	Baudry's European Library	1849	Coleção de antigos e modernos British Authors.
Alexandre Dumas	O Cavalheiro d'Harmental	Lisboa	Tipografia Rollandiana	1849	Tradução portuguesa de M. A. da Silva.. 4 tomos.
Fenimore Cooper	The Headsman or The Abbaye des Vignerons	London	Richard Bentley	1850	
M. Hildreth	O Escravo Branco ou o companheiro do Pae Thomaz	Lisboa	Imprensa de J.J.A. Silva	1854	Tradução livre
Alexandre Dumas	A princesa de Monaco	Lisboa	Typ. Lisbonense de Aguiar Vianna	1855	Biblioteca universal publicada por Eduardo de Faria. 6 volumes.
	Historia verdadeira da Princeza Magalona filha d'el Rei de Napoles e do nobre e valorros cavalheiro Pierre, Pedro de Provença	Rio de Janeiro	Em casa de Domingos José Gomes Brandão	1855	Sem autoria. ]No conto "Uns Braços" de Machado de Assis, o jovem Inácio encontra-se lendo esse texto].
Alexandre Dumas	Les Trois Mousquetaires	Paris	Michel Lévy Freres	1856	2 volumes.

Olivier Goldsmith	Le Vicair de Wakefield	Paris	Charpentier, Libraire-Éditeur	1857	Tradução de Madame Louise Belloc. Precedido por uma notícia de Walter Scott.
La Fontaine	Fables	Tours	Mame et C., Imprimeurs-libraires	1857	Ilustrações de K. Girardet.
Alexandre Dumas	Os três mosqueteiros	Lisboa	Typografia de Luiz Correa da Cunha	1859	Tradução livre. 2 tomos.
M. L'Abbé Renaud	Les Fleurs L'Éloquence	Tours	A. Mame et Cia, Imprimeurs-Libraires	1862	Sixième Édition. Bibliothèque de la Jeunesse Chrétienne
Alexandre Dumas	Mysterios de Napolis ou Uma pesca de redes	Rio Grande	Typographia do Echo do Sul	1865	
Henrique Rivière	O assassino de Albertina Renouf	Rio Grande	Typographia do Diário	1865	
Paulo de Kock	Um homem atribulado	Lisboa	Typographia de Salles	1868	Editor e tradutor J. A. Xavier de Magalhães.
Paulo de Kock	O Burro do Senhor Martinho	Lisboa	Typographia de Salles	1868	Editor e tradutor J. A. Xavier de Magalhães.
Bernardin de Saint-Pierre	Paul et Virginie	Tours	Alfred Mame et Fils, Éditeurs	1870	17ª edição.
Ponson Du Terrail	A Corda do Enforcado	Porto/Braga	Livraria Internacional de Chardron	1873	Rocombole (Novo e Ultimo Episodio). 2 tomos. Tradução de Gualdino de Campos.
Luís de Camões	Os Lusíadas	Paris	Vª J-P. Aillaud, Guillard e Cº.	1873	Correta e dada a luz por Paulino de Souza.
Julio Verne	Miguel Strogoff ou O Correio do Czar	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1876	Traduzido por Fortunio.
Ponson du Terrail	Dragonne e Mignonne	Lisboa	Empreza Editora, Carvalho & Cª.	1876	Tradução de L. C. M.
Julio Verne	Da terra à lua	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1879	Tradução de Salvador de Mendonça.
Luis de Camões	Os Lusíadas	Bruxelas	Typographia e tithographia E. Guyot	1879	Edição publicada por Abílio Borges para uso das escolas brasileiras.
	As Mil e Uma Noites: contos árabes.	Rio Grande	Livraria de Daniel de Barros e Silva	1882	Traduzidos em francês por Galland e vertidos em português. Adornada com gravuras. 2 tomos. Sem autoria
Andersen	Les Souliers Rouges et autres contes	Paris	Garnier Frères, Libraires-Éditeurs	1882?	Traduits par MM. Ernest Grégoire & Louis Moland. Illustration de Yan Dargent.
Carlos Jansen	Contos Seletos das Mil e Uma Noites	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1882	Edição ilustrada e colorida.
Octave Feré	A abadia de Santo André	Pelotas	Typ. do Onze de Junho	1883	Tradução de Alfredo Ferreira Rodrigues.
Henrique Perez Escrich	O amigo íntimo	Pelotas	Typ. do Onze de Junho	1883	Tradução de J. Cruzeiro Seixas.
Henrique Perez Escrich	Noites amenas: quem tudo quer tudo perde	Pelotas	Typ. do Onze de Junho	1883	Tradução de Julio Gama.
Julio Verne	A Escola dos Robinsons	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1883	Tradução de J. M. Vaz Pinto Coelho.
Fenelon	Les Aventures de Télémaque	Tours	Alfred Mame et Fils, Éditeurs	1884	
Carlos Jansen	Dom Quixote	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1887	Edição ilustrada e colorida. Redigido para mocidade brasileira segundo plano de Hofmann.
Carlos Jansen	As Viagens de Gulliver a terras desconhecidas	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1888	Edição ilustrada e colorida.
Carlos Jansen	Aventuras Maravilhosas do Celebérrimo Barão de Munchhausen	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1891	Edição ilustrada e colorida.

O que liam os jovens em Pelotas e Rio Grande (RS) entre os anos 1820 e 1933?

Chateaubriand	Atala	Paris	F. Dentu-Éditeur	1892	
Alphonse Daudet	Numa Roumestan – moeurs parisiennes	Paris	Bibliothèque–Charpentier	1894	
Fénelon	Les Aventures de Télémaque fils d’Ulisse	Tours	Alfred Mame et Fils, Éditeurs	1896	
Henry Berthoud	Contos do Doutor Sam	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1898	(Bibliotheca da Juventude)
Bernardin de Saint-Pierre	Paulo e Virgínia	Pelotas	Livraria Universal de Echenique Irmãos	1904	
	Fabulas de Esopo por F. M.M.	Porto Alegre	Editores Krahe & Cia.	1906	Sem autoria
Edmundo de Amicis	Coração	Pelotas	Livraria Universal de Echenique Irmãos	1907	
Madame de Sévigné	Lettres Choiesies	London	J.M. Dent & Co., New York: G.P. Putnam’s Sons	1908	Préface de Charles Boreaux
Carlos Dickens	Armazem de Antiguidades	Rio de Janeiro	H. Garnier	1911	2 tomos.
	As Mil e uma Noites	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1913	(Bibliotheca da Juventude). Adornados de muitas gravuras.
Ruskin	The king of the golden river	Boston	Ginn and Company	1916	
Luis Ruiz Contreras	Novellas Infantis	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1920	(Bibliotheca das Escolas)
Andersen	O Homem de Neve	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1920	(Bibliotheca da Juventude)
Edmundo de Amicis	Coração	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves	1920	
	Aventuras de Robinson Crusoe	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1921	(Album para crianças). Ilustrações de J.J. Grandville, Chromolithographies de I. Nehling. Sem autoria
	Historia de Dom Quichote	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1924	Tradução de K. D’Avellar. Com ilustrações a cores. Sem autoria
Andersen	A virgem dos Geleiros	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	1928	Ilustrações de Yan Dargent
	Mil e Uma Noites. Contos	São Paulo	Companhia Editora Nacional	1928	Ilustrados para a juventude. 2 volumes. Sem autoria
Bébé Hislop	Contos para crianças	Pelotas/Rio Grande	Officinas da Livraria Comercial Meira	1930	
Bernadin de Saint-Pierre	Paulo e Virgínia	Rio de Janeiro	E. & H. Laemmert	s/d	Com diversas litogravuras à cores.
Julio Verne	Da Terra à Lua – trajecto directo em 97 horas.	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	s/d.	Tradução de Salvador de Mendonça.
Julio Verne	Descoberta da Terra	Rio de Janeiro	B.L. Garnier	s/d	Traduzido por Fortunio
Julio Verne	Descobrimento Prodigioso e Quadragesima Ascensão Franceza.	Rio de Janeiro	B.L.Garnier	.s/d	Traduzido por Fortunio
Condessa de Ségur	Que amor de criança	Paris	Aillaud	s/d	
Mme. Leprince de Beaumont	O Bazar das Crianças ou Dialogos de uma preceptora com suas discipulas	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	s/d	(Bibliotheca da Juventude)
	A vida e as aventuras de Robinson Crusoe	Paris	Livrarias Aillaud, Bertrand	s/d	Tradução de Pinheiro Chagas (Bibliotheca Rosa Illustrada). Sem autoria

Walter Scott	De Bruid van Lammermoor	Gebrs	Arnhem- Nijmegen, , E. & M. Cohen	s/d	
Andersen	Les Souliers Rouges et autre contes	Paris	Garnier Frères	s/d	Traduits par Ernest Grégoire & 3Louis Moland.
	O Dom Quixote da Juventude	Rio de Janeiro	Livraria Garnier	s/d	Sem autoria

Fonte: quadro elaborado pelos autores, 2025. Total: 76 obras

Em relação à temporalidade, a obra mais antiga data de 1820, trata-se de Atala de Chateaubriand, publicada na Imprensa Régia de Portugal. O último data de 1930, de Bébé Hislop, Contos para crianças, editado por a casa editorial Comercial Meira de Pelotas.

Tendo como critério os anos das obras editadas, em relação ao século XIX, temos 51 obras e ao século XX, 15 obras. Embora constem 10 obras sem data, pela história das editoras, em sua maioria elas são do século XIX.

Em uma análise geral, observamos que durante o século XIX, os livros eram em grande parte produzidos por editoras europeias, que no decorrer dos anos foram abrindo filiais no Brasil, caso de Laemmert e Garnier. No século XX, começa uma nacionalização das editoras, sendo, cada vez mais livros editados no Brasil com maior participação de autores nacionais.

Em relação ao Quadro 2, a presença francesa é hegemônica, com um total de 35 obras, seguido de autores ingleses, com 11 obras. Embora tenhamos alguns autores da Alemanha, Itália e Espanha, a representatividade é diminuta.

Quanto aos autores, Walter Scott, Alexandre Dumas e Júlio Verne, se apresentam em número maior, 5 para cada. Depois: Fénelon, Andersen, com 4 obras; seguindo de Camões, Fenimore Cooper, Victor Hugo, La Fontaine, Paul de Kock e Edmundo de Amicis, o primeiro com 3 obras, os demais com 2. Chamamos a atenção para três obras, no geral nelas não constam o nome do autor, trata-se das Mil e Uma Noites, Robinson Crusoé e Dom Quixote.

Em relação às casas editoriais do Brasil, temos uma forte representação da Garnier, Francisco Alves, e Laemmert. Quanto às editoras estrangeiras, temos a Aillaud, que em determinados momentos atua conjuntamente com a Francisco Alves, a Europea de Baudry, Alfred Mame et Cia. É importante salientar que, embora não sejam muitas obras editadas por editoras locais, eles estão representadas por algumas tipografias: Typ. Onze de Junho, além da Editora Universal Echenique, Comercial Meira. Além disso, há uma edição das Mil e Uma Noite (1882) feita pelo Livreiro Daniel de Barros e Silva, de Rio Grande.

Pela sua importância, e por tratar-se de um autor com fortes vínculos com o Rio Grande do Sul, onde foi professor por muitos anos e, posteriormente, atuou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, arrolamos separadamente a produção de Carlos Jansen. É o caso das edições luxuosas e com diversas gravuras a cores da Editora Laemmert. Conseguimos ainda localizar três exemplares, com estampas, carimbos, assinaturas, atestando a sua circulação nestas cidades, são as seguintes obras: *Viagens de Gulliver a terras desconhecidas* (1888), *Aventuras Maravilhosas do Barão de Munchhausen* (1891), e *Dom Quixote* (1901).

Por fim, arrolamos outros autores que circulavam nas referidas cidades do Sul: Victor Hugo, Paul de Koch, Chateaubriand, La Fontaine, Condessa de Ségur, Bernardin de Saint-Pierre, Edmundo de Amicis.

Chamamos atenção para esses dois últimos autores, embora circulassem edições feitas por editoras do centro do país, no caso de Edmundo de Amicis, pela Livraria Francisco Alves, e de Bernardin de Saint-Pierre, pela E. & H. Laemmert. Esta última, um verdadeiro “bijú”, com o título – Paulo e Virgínia – a obra é menor que uma pequena caixa de fósforo, encadernada, com 380 páginas, letra minúscula, ornada com 7 aquarelas à cor. Na obra, embora conste um prefácio, não apresenta o tradutor. A mesma é ofertada a sua irmã pelo estudante de direito (à época), Fernando Osório, quando cursava a Faculdade de Direito em São Paulo. Neto do General Osório, pertencia a uma das famílias mais ricas e tradicionais de Pelotas, escritor, político, teve ativa participação na vida cultural da cidade, escreveu diversas obras, uma delas – *A Cidade de Pelotas* – escrita em 1922, tem tido outras edições.

Essas duas obras, “Paulo e Virgínia” e “Coração”, foram publicadas por editora local. No caso a Universal Echenique, a primeira em 1904, a segunda em 1907, em ambas não consta o tradutor.

As marginais são relevadoras de vários aspectos, entre tantos, salientamos, por exemplo: as estampas, carimbos e/ou etiquetas de diversas livrarias locais que comercializavam essas obras, temos: Livraria Americana, tanto a matriz de Pelotas como das suas filiais, Rio Grande e Porto Alegre, com 10 obras; a Livraria Universal Echenique, com 9; a Livraria Comercial Meira, com 2; a Livraria Globo (filial de Pelotas), também com 2. Esclarecemos que a referência à determinada obra, não se refere aos diversos volumes da mesma, ou seja, alguns autores têm sua obra desdobrada em 3 ou 4 volumes, caso de Ivanhoé, Walter Scott, Alexandre Dumas, sempre se considerou como uma única obra, como esclarecemos anteriormente.

Algumas curiosidades podem ser destacadas como, por exemplo: Contos Patrios (Para as crianças), de Olavo Bilac e Coelho Netto, foi ofertado pela Livraria Francisco Alves para o Ginásio Gonzaga, forte instituição educativa de Pelotas. Também, constam obras encaminhadas por intelectuais a outras instituições, caso do Colégio Juvenal Miller de Rio Grande, demonstrando as mais variadas formas de circulação de livros.

Para um entendimento de certas práticas vigentes na época, é importante salientar o papel das bibliotecas e dos clubes, uma vez que muitos desses livros pertenceram originalmente a essas instituições. Diversos deles trazem o registro dessas entidades, com maior número temos o Clube Caixeral de Pelotas, com 10 obras. Fundado em 1879, no ano de 1895, sua biblioteca já contava com 7.342 volumes, além de um número grande de revistas e jornais. (Arriada; Tambara, 2014). No decorrer dos anos, parte desse acervo foi doado para a Biblioteca Pública Pelotense, mas outros livros mais “estragados” (sem capa, faltando páginas, etc.), foram descartados, muitos deles foram parar em sebos e/ou em mãos de aficionados por livros velhos.

Contemporâneo de muitos acontecimentos históricos e culturais, o escritor João Simões Lopes Neto, publicou na imprensa local, no jornal “A Opinião Pública”, em 14/11/1913, uma matéria – “Assuntos do município: o que a cidade lê”, embora não trate especificamente dos jovens, o artigo possibilita uma compreensão maior sobre o contexto das primeiras décadas do século XX.

Nesse momento histórico, a cidade de Pelotas demonstrava uma efervescente vida cultural. Vivia-se o que foi denominado – Belle Époque – havia cinemas, cafés, teatros, clubes, quiosques, livrarias. Circulavam jornais, livros, revistas. A iluminação e meios modernos de transportes, entre outras novidades, como o telefone, mudavam as configurações e aspectos das cidades. Ruas novas eram abertas para a circulação de bondes e automóveis, o futebol se consolidava como espetáculo de massas, as corridas de cavalo eram um acontecimento e tanto, ciclistas percorriam diversos espaços, luminárias iam aos poucos invadindo os espaços públicos. A cidade modificava-se, e as novas modas da Europa, principalmente da França invadiam todos os poros da sociedade. (Arriada; Tambara, 2014).

Valendo-se de uma linguagem irônica e debochada (talvez fosse típico da época), João Simões Lopes Neto ao escrever “O que lê a nossa cidade?” Opina, comenta, narra:

Se fossemos tomar a sério o velho chavão acaciano (referência ao Conselheiro Acácio, personagem dos livros de Eça de Queiroz), - que a imprensa é a toalha com que a

*O que liam os jovens em Pelotas e Rio Grande (RS) entre os anos 1820 e 1933?*

civilização enxuga o rosto cada manhã – teríamos então que quanto mais jornais em uma terra, mais civilização [...] e no caso, Pelotas teria retrocedido porque ela hoje conta muito menos jornais do que já teve em outras épocas (Lopes Neto, 1913, p. 04).

Logo a seguir, o autor arrola as diversas livrarias em funcionamento no século XIX e algumas décadas do XX, na cidade de Pelotas, o caso de Livraria Americana, Livraria Universal, Livraria Comercial e Livraria Bazar, as quais, além de serem livrarias, também eram editoras.

Podemos exemplificar com a obra de Hilário Ribeiro, diversos de seus livros, desde à década de 1880, eram publicados pela Americana: 1º, 2º, 3º e 4º livro de leitura, além de uma Gramática da Língua Portuguesa e uma Geografia da Província de São Pedro, todos com diversas edições. A Livraria Bazar, nome de fantasia da Editora Krahe, era da capital do Estado, com filial em Pelotas.

A seguir, o referido autor escreve: “Até aqui os fornecedores. Agora: quem lê? Os colégios primários e secundários, particulares; as aulas municipais e estaduais; as cinco escolas superiores; as pessoas das chamadas profissões liberais, e mais uma grossa falange de apreciadores dos livros” (Lopes Neto, 1913, p. 04).

Importa ainda, pontuar que pelo seu escrito, a cidade já tinha uma dada estrutura, particularmente em relação ao sistema educacional, inclusive com cinco escolas de ensino superior, entre elas, uma de odontologia e outra de direito.

Acompanhando sua narrativa:

E, o que se lê? De tudo: desde a carta de ABC, até a Enciclopédia Larousse, desde a tabuada do Backer até os logaritmos de Galet, desde a Despedida de João Brandão, até a Biblioteca de Obras Célebres. É fácil de compreender que a literatura didática tem a primazia na saída das prateleiras, João de Deus, Hilário Ribeiro, Alfredo Clemente Pinto, Souza Lobo, João Maia, Bibiano de Almeida e não sei mais quantos e quantos livros adotados, mestres invocados; as gramáticas de Júlio Ribeiro, Pereira, Halbout; os dicionários, os livros traduzidos e mais toda uma avalanche de expositores de regras e exceções, algarismos, fórmulas, medidas [...] (Lopes Neto, 1913, p. 04).

Ao comentar essas obras, pontua que entre os livros para o ensino de línguas, “bate o record o Berlitz”. Em relação à literatura os mais procurados, dos nacionais, são: Coelho Neto, Alcides Maya, Euclides da Cunha. Dos portugueses, Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Guerra Junqueira, Pinheiro Chagas. Salientando: “As traduções portuguesas, tem todas garantida aceitação através das coleções ou bibliotecas baratas, de 1\$ o exemplar. Assim são inúmeros os autores conhecidos” (Lopes Neto, 1913, p. 04).



Quanto aos franceses, diz: “lê-se tudo: extensa por demais seria a nomenclatura a registrar”; em relação ao inglês, “também, muito, sobretudo Walter Scott”; do alemão, “algum pouco”. Dos espanhóis, à frente, Blasco Ibanez, e d’Annunzio, dentre italianos, sem falar de Mantegazza”.

Avançando em seu texto, ele também destaca que cada vez mais havia a procura por manuais técnicos, monografias especiais, agendas, livros de medicina prática, com o Chernoviz, “velho de guerra, à frente”. E continua: “nos últimos tempos vai em crescendo a procura dos livros sobre agricultura em suas variadas modalidades”.

Aponta que até o cinema tem sido um incentivo à leitura, “que o digam os que venderam o “Quo Vadis”, “Os Miseráveis”, etc. Tem ainda os almanaques, “que variedade e que freguesia”. O Anuário do Rio Grande do Sul, o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul de Alfredo Ferreira Rodrigues, o Almanaque Brasileiro de Garnier, o Hachette, o Bertrand, o das Senhoras, “e outro, e outro, e outro”, Vermont, Pour Rire, etc. E seguem-se as revistas, jornais de moda, Careta, Fon-Fon, Malho, La Hacienda, Caras y Caretas. “É bom não esquecer Sherlock Holmes & Comp. Por fim... por fim, há ainda uma certa literatura de trás da prateleira, uns livrinhos manhosos e brejeiros, apimentados, patifões, que, quantos chegam, quantos se vão [...]” (Lopes Neto, 1913, p. 04)

Ao final do artigo jornalístico, tece o seguinte comentário.

Agora, às contas. Não sei se a cidade lê tudo o que as suas casas fornecedoras lhe oferecem; é certo mesmo que valiosa parte dos livros recebidos, já importados, já encomendados, é distribuída para o fornecimento do interior do Estado; mas seja como for, é sugestiva e positivamente digna de atenção a quantia que as livrarias locais anualmente vendem, de livros, ou mais propriamente, de leitura: essa quantia é superior a 300.000\$. Leitor, fiquemos por aqui. (Lopes Neto, 1913, p. 04).

Desse modo, Lopes Neto nos descortina certos aspectos do que se lia no alvorecer do século XX, a cidade contava com uma rede consolidada de livrarias e algumas editoras. De tudo havia nas estantes, livros didáticos, acadêmicos, revistas, almanaques, e até literatura erótica.

### **Considerações finais**

Ao longo do período analisado, foi possível acompanhar as mudanças das produções endereçadas ao público leitor jovem. Em grande parte do século XIX, há uma hegemonia dos textos estrangeiros (traduzidos ou não), a partir das últimas décadas desse século e alvorecer

do século XX, autores nacionais começam a ganhar visibilidade. Pelas evidências reunidas, conforme apresentado no Quadro 2 do texto, notamos o predomínio de livros de aventura/ação, em detrimento dos temas de amor e paixão, e/ou de caráter cívico/pedagógico. Por essas evidências, talvez seja possível inferir que havia uma circulação de livros de leitura voltado para os rapazes em detrimento das moças. Mas os dados não são suficientes para uma afirmação mais incisiva. Embora entendamos que o número de exemplares analisados, e suas respectivas marginalias elucidam muitos detalhes das práticas de leitura, sabemos que os leitores são caçadores furtivos e, muitas vezes, leem o que desconhecemos. Assim, parte dessas dúvidas não podem ser totalmente respondidas.

As obras analisadas, lidas, ou eventualmente folheadas, apontam fortes indícios que existia um grande consumo e leitura de livros infanto/juvenis, corroborando com os argumentos de Darnton no seu circuito de comunicação.

Todos esses dados nos permitem tipificar a que grupo social pertenciam esses leitores. Com certeza nem todos eram fluentes em francês e inglês, mas determinado grupo desses jovens, possuía um capital cultural, que os colocava como potenciais consumidores dessas obras importadas. Pela diversidade das obras, muitas em francês e inglês, nos levam a conjecturarmos que muitos desses jovens possuíam padrão econômico elevado, o que permitia o consumo de determinados livros, caso, por exemplo, das edições de luxo; obras com diversas ilustrações, ou ainda de obras em vários volumes. Também foi possível identificar pelas marginais, o nome de diversas pessoas pertencentes a uma classe abastada, por exemplo: Fernando Osório, Alberto Coelho da Cunha, João Simões Lopes, Maria Francisca Assumpção Osório, Dr. Waldemar Coufal, Luiza Behrendorf, Carlos Rei, demonstrando que muitos desses jovens eram das camadas mais ricas da sociedade local.

Outra questão evidenciada é o número relativamente alto de autores estrangeiros, seja em versão original e/ou traduzida, o que nos leva a partilhar a opinião exaurida por Adolpho Caminha que conclamava que: “A mocidade brasileira não lê obras nacionais; agarra-se no romance estrangeiro com um entusiasmo verdadeiramente lamentável” (1895, p. 133).

Nos valendo do aporte teórico-metodológico de Darnton e Ginzburg, procuramos responder a questão “O que liam os jovens na cidade de Pelotas/Rio Grande, entre 1820 e 1933?”, constatando que para além dos textos de leitura escolar (muitas vezes de caráter obrigatório), os jovens acompanhavam o que era produzido na época e liam uma

multiplicidade de textos. Alguns desses livros eram verdadeiros *best seller*, caso de: Alexandre Dumas; Julio Verne e Walter Scott.

### Referências

- ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias de Pelotas. In: RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. Vol. 2. Santa Maria: Gráfica Pallotti, 2014.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **O Texto Escolar**: uma história. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- CAMINHA, Adolpho. **Cartas Literárias**. Rio de Janeiro: Typographia Aldina, 1895.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Dirección). **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Santillana: Taurus, 1998.
- CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. Discursos sobre a leitura (1880-1980). São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Anne-Marie. Práticas de Leitura e Escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. In: **História da Educação**. Vol. 6. Nº 11. Pelotas: ASPHE; FAE/UFPEL, abril de 2002. P.05-24.
- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FINKELSTEIN, David; McCLEERY, Alistair. **Una introducción a la historia del libro**. Buenos Aires: Paidós, 2014.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Orgs.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al (Orgs.). **História da cultura escrita**: Século XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LYONS, Martyn. **Historia de la lectura y de la escritura en el mundo occidental**. Buenos Aires: Editoras del Calderón, 2012.

LOPES NETO, João Simões. “Assuntos do município: o que a cidade lê”. In: **A Opinião Pública**, Pelotas, 14/11/1913.

NÓVOA, António. Cartas a um jovem historiador. Historia y Memoria de la Educación. In: **Sociedad Española de Historia de la Educación**. V.1, 2015.

## **Nota**

---

<sup>i</sup> Embora a análise neste artigo foque nas obras literárias, consideramos pertinente arrolar os textos escolares localizados no conjunto dos 100 livros, com o intuito de dar visibilidade a esses materiais bem como contribuir com demais pesquisadores que desejem ampliar e aprofundar a discussão.

## **Sobre os autores**

**Eduardo Arriada** – Doutor em Educação pela PUC-RS. Professor no PPGE/UFPEL. Coordenador do Centro de Documentação CEDOC/UFPEL. Sócio da Associação Sul Rio Grandense de Pesquisadores em História da Educação.

E-mail: [earriada@me.com](mailto:earriada@me.com); Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5216-2739>.

**Gabriela Medeiros Nogueira** – Doutora em Educação pela UFPEL. Professora no PPGEdu/FURG. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa de Alfabetização e Letramento (GEALI). Presidente da ABALF e Vice coordenadora do GT 10 da ANPED.

E-mail: [gabynogueira@me.com](mailto:gabynogueira@me.com); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6985-064X>.

**Caroline Braga Michel** – Doutora em Educação pela UFPEL. Professora no PPGEdu/FURG e Coordenadora do Centro de Memória da Educação (CEMEDU) da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e Vice-Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa de Alfabetização e Letramento (GEALI).

E-mail: [caroli\\_brga@yahoo.com.br](mailto:caroli_brga@yahoo.com.br); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6171-4125>.

Recebido em: 02/07/2025

Aceito para publicação em: 07/08/2025